

CAVRELL, Holly; SARTURI, André; COSTA, Raíssa; PARRA, Sandra; TOLGYESI, Gabriel. **Receita para Pesquisa: Mingau Humano**. Campinas: UNICAMP. Professora Doutora do curso de Graduação em Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – Unicamp; Diretora da Cia. Domínio Público (grupo de pesquisa em dança contemporânea certificado no CNPq); Pesquisadora; Bailarina. Professor do curso de Artes Cênicas da UNESPAR; Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – Unicamp; Bailarino e Ator. Professora do curso de Dança da UEA; Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – Unicamp; Bailarina. Professora do curso de Artes Cênicas da UEL; Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – Unicamp; Atriz e Performer. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena – Unicamp; Bailarino.

### RESUMO

O presente artigo baseia-se na mesa-performance “Mingau Humano”, apresentada no Seminário de Pesquisas Mário Santana na data de 08 de maio de 2019. O texto destaca alguns dos pontos mais relevantes da discussão performada, como a relação entre teoria e prática na pesquisa artística acadêmica; a diluição das fronteiras entre obra e público como motor da criação; a presença da memória e dos sentidos como provocadores das dinâmicas do corpo. O texto procura também dar a ideia da proposta multissensorial da palestra-performance, elemento chave da comunicação apresentada.

**Palavras-chave:** Pesquisa artística acadêmica. Integração teoria/prática. Integração obra/espectador.

### ABSTRACT

This article is based on the panel talk - performance "Human Porridge" presented at the Mário Santana Research Seminar on May 8, 2019. The text highlights some of the most relevant points of the discussion, such as the relation between theory and practice in academic artistic research; the dilution of the boundaries between the artistic work and the public as the engine of creation; the presence of memory and the senses as the provocateurs of the dynamics of the body. The text also seeks to give an idea of the multi-sensorial proposal of a performance-lecture, a key element of the presented oral/artistic communication.

**Keywords:** Academic artistic research. Theory / Practice integration. Work / spectator integration.

Mingau é comida que gruda.

De verdade: esse é o significado da palavra, oriunda do tupi *minga'u*. E se, nas suas origens obscuras, o mingau era um alimento ritualístico, às vezes feito com as vísceras dos inimigos pelos Tupinambás, hoje ele é principalmente um ritual de cuidado; algo que se faz para alguém que se ama, que se quer bem.

Esse tipo de cuidado perpassa não só a origem como toda a trajetória da Cia. Domínio Público, e por isso não há nenhum espanto que esse tema tenha se revelado tão claro e tão cheio de sentido para nós: o mingau humano. Desde sua fundação, em 1995, a Cia. se debruça sobre as fronteiras entre as artes, e também sobre as fronteiras entre artistas e espectadores, obra e espaço: o acolhimento das diferenças, das dificuldades, da presença sempre mutante do público em torno da obra tem sido matéria para a criação, parte do processo. Mistura, carinho e cuidado.

Nas palavras da fundadora do grupo, Profa. Dra. Holly Cavrell, arte é pulsação, é uma necessidade absoluta que se impõe àqueles que a realizam. Todo artista traz em seus trabalhos vestígios de influências que absorve durante sua vida, oriundas de diversos âmbitos sócio/culturais. Inúmeros fatores compõem uma personalidade artística, uma maneira de olhar e recortar a realidade e de atuar na vida e na arte, que não se encontram separadas em absoluto.

E, ao adentrarmos o universo da pesquisa em arte, isso não é diferente. A pesquisa deve procurar entender por que algo acontece, entender o mundo ao nosso redor e por que as coisas funcionam do jeito que nos são cruamente apresentadas. Envolve a investigação de fenômenos cuja finalidade poderia ser descoberta, explorada, coletando e descrevendo informações, compreendendo suas relações causais. Na arte, esta é uma atividade criativa e sistêmica, uma prática que em cada contexto é imbuída das qualidades necessárias para torná-la o que é, aplicando-lhe uma lógica interna.

Esses processos nos transformam, ensinando-nos a procurar por respostas em lugares não-comuns, ignorar o óbvio, questionar nossas escolhas automáticas. Baseados na prática, construindo nossas ações criativas como pesquisa acadêmica, como ação cooperativa e reflexão singular ou coletiva, cada uma das instâncias envolvidas na criação de uma obra de arte pode funcionar como meio de produção de conhecimento. Para a Cia. Domínio Público, a inclusão dos participantes é uma parte essencial da pesquisa.

A incorporação da participação e sua transformação em relação à vida cotidiana: que melhor maneira de entrar neste assunto do que através dos sentidos? Nosso mingau oferece exatamente isso: um retorno aos sentidos, à memória da infância, a uma zona de conforto.

Assim, como formato para a comunicação, o grupo escolheu realizar uma palestra-performance que pudesse acolher os espectadores em um ambiente multissensorial: não apenas a visão e audição, mas o olfato, o tato, o paladar, à medida em que as pessoas eram convidadas a provar as diversas receitas de mingau que o grupo trouxe ou preparou diante da presença do público, ou provocativamente manipulou e espalhou sobre o corpo.

Mingau é comida que pertence a uma comunidade.

Algo que um de nós, adultos solitários, faz para si mesmo quando quer não só alimento, mas conforto. Com uma tigela de mingau, inadvertida e inconscientemente nos sentimos conectados à enorme rede ancestral de mães, avós e tias que nos precede. Mingau é amor sólido, e também é cuidado culturalizado; uma rede conectiva de memórias e contemporaneidade.

A pesquisadora Raíssa Costa aborda seu trabalho de criação em espaços abandonados da cidade de Manaus a partir da ideia de um mungunzá com ingredientes diferenciados: as memórias do lugar e as memórias do movimento em seu corpo de bailarina se encontrando no tempo alongado e particular que o mungunzá feito por sua avó demandava, no seu tempo de criança.

A experiência da pesquisadora, com esse trabalho, fez com que ela compreendesse que adentrar um local abandonado demanda olhar o espaço, observar seus detalhes, perceber sua destruição, decomposição e readaptação ao tempo; conhecer e não conhecer a história do lugar; descobrir e viver novas histórias, apreciar memórias e criar as suas próprias por meio das experiências.

Permanecer em um lugar histórico que parece não ter mais vida, mas que é habitado por inúmeros novos seres, na experiência da pesquisadora, é se permitir ser atravessado por muitos cheiros, alguns agradáveis, outros nem tanto, mas ainda assim ser

estimulado visceralmente pelo olfato, quer se queira, quer não. Este sentido possibilita, de maneiras incríveis, experiências diversas e influencia na dinâmica do corpo. É um estímulo que, por si só, faz aflorar muitas memórias, e a busca pela identificação de onde e do que é aquele aroma, permite vagar por lembranças olfativas que podem remeter a momentos agradáveis ou nem tanto.

Ir para a cidade, sair do confinamento protetor da sala de trabalho, instiga o bailarino a se permitir ouvir sons e ruídos que podem provocar estados corporais diferenciados, ao permanecer em construções históricas abandonadas, normalmente não habitadas de forma organizada por humanos. Em um primeiro momento, é se afastar de alguns ruídos comuns da cidade, mas é também se abrir a ouvir os mínimos estímulos sonoros, descobrir que até o silêncio tem sons diferenciados e que eles movem ou paralisam seu corpo.

O abandono traz realidades distintas e específicas ao espaço; ao mesmo tempo que a história se perde e parece que vai sendo soterrada e se desmorona junto às paredes e tetos, vê-se o surgimento de outras realidades e vidas que agora dão novos sentidos ao que resta materialmente de construções e história. Estar nesses locais é se permitir às mais diversas sensações, é tocar e ser tocado, é relacionar-se com memórias e histórias que afloram sem precisarem ser estimuladas, simplesmente movem e tomam o corpo. Portanto, assim como no mungunzá o milho cozido se apropria dos sabores dos demais ingredientes, o corpo que se relaciona com o espaço nunca será o mesmo ao sair de lá. São sempre novos sentidos, novas histórias e novas memórias que coabitam a relação com o abandono destas construções.

A profa. Holly Cavrell complementa essa ideia da relação com o espaço ao afirmar que o considera um parceiro para os bailarinos, na sua relação com o público. O ambiente traz em si muito mais do que um papel cênico, um cenário, um pano de fundo, mas dá ao espectador a oportunidade de encontrar novos significados em uma obra. Os movimentos do artista compõem novas relações de sentido e novas metáforas à medida que se deparam com objetos arquitetônicos, condições do ambiente e pessoas, transeuntes, que intervêm em uma performance.

Trata-se de fazer novas conexões, afetos, unir as pessoas em um plano muito real e horizontal e, ao mesmo tempo, sentir-se nutrida, satisfeita. Isto que coabita, relaciona e conecta.

Mingau é junção de inesperadas diversidades harmonizadas.

Gabriel Tolgyesi, ao apresentar sua pesquisa sobre os traços deixados pela passagem de Loïe Fuller<sup>1</sup> no Brasil, se pergunta: como caminhar junto apesar das dissonâncias, apesar dos paradoxos? A metáfora do mingau abrindo espaço para a reflexão sobre as adaptações que os "modos de fazer" sofrem ao longo do tempo, permitindo a atualização dos afetos, a inclusão de diferenças. Elementos que compõem um mingau, uma obra de arte, uma pesquisa, e se complementam sem necessariamente se misturarem; são servidos juntos, mas não precisam ser ingeridos juntos: dão as mãos e dão espaço. Aquilo que diverte e aquilo que é funcional, deixando rastros e tornando-se intrínsecos ao mingau. Uma vez colocados, fica difícil tirá-los: uma vez lido, difícil não ser influenciado. Os instrumentos como panela, colher de pau e fogo baixo são a instituição: com eles pode se cozinhar de tudo. Não qualquer coisa. Qualquer coisa ninguém come. As artes seriam a sobremesa, ou o prato principal? Mingau não é único e exclusivo, mas não deixa de ter seu

---

<sup>1</sup>Estadunidense radicada na França, artista, atriz, bailarina e química, pioneira na dança moderna e iluminação cênica nos anos 1890 até sua morte nos anos 1928.

sabor, sua importância, sua relevância, sua diversão e sua memória.

Só mingau não dá; sem mingau, não dá.

E talvez a resposta esteja em não haver “apesar de”, mas apenas “com”. André Sarturi, a partir de seu trabalho junto ao CAPS-i no diálogo entre as Artes do Corpo e a Saúde Mental, vem nos falar de acolhimento e afeto, e nos apresenta a noção de hospitalidade afetiva.

Segundo ele nos conta, a palavra “acolher” liga-se à ideia de trazer para si e tornar seus os afetos. Acolher significa trazer afetivamente para si, para o seu próprio campo afetivo, tanto o outro quanto os seus próprios afetos. Dentro desse campo do acolher, Paese (2016, p. 95) propõe o conceito de “hospitalidade afetiva”.

Paese parte de Derrida (1995) para descrever a relação entre hóspede e anfitrião, em sua relação de acolhimento - noção essa que podemos estender à relação entre paciente e terapeuta, ou ainda entre artista e público. Ambos estabelecem um contrato de acolhimento baseado em afeto e confiança mútua. Este contrato permite um espaço de permeabilidade. O local da acolhida e o ato do acolhimento se fundem, bem como as fronteiras entre hóspede e hospedeiro se confundem e o hospedeiro passa a querer agradecer o hóspede (PAESE, 2016, p. 96).

O interessante dessa noção de hospitalidade afetiva é que ela se aplica tanto à nossa relação com os outros quanto à nossa relação conosco mesmos e nossos afetos. Acolher nossos afetos com hospitalidade, sentirmo-nos confortáveis conosco mesmos, é um desafio tão grande quanto conviver com os outros.

O hóspede - nosso público - é sempre um estrangeiro, pois traz consigo a diferença. Hospedar é sempre lidar com a diferença e com a mudança, acolhendo-a. O estrangeiro é uma subjetividade outra e, portanto, alguém que nos lança algumas perguntas, tais como: quem nós somos? Que lugar é este que habitamos? Podemos viver juntos e compartilhar desse espaço pelo menos por um instante? A inconveniência do hóspede é também a sua maior qualidade.

O acolher e o coabitar da hospitalidade também é a base para os processos de compartilhamento e participação. Quando se é hospede, participa-se da vida, da casa porque se começa a fazer parte dela. No espaço social, a hospitalidade afetiva proporciona o coabitar do espaço público, criando possíveis espaços participativos neste coabitar. Isso se torna possível porque é impossível ignorar um hóspede. A arte acolhe e nos ajuda a elaborar tais sentimentos, nesse espaço do coabitar dos afetos. Metaforicamente, ela nos oferece o prato mingau, o qual saboreamos juntos.

Mingau é algo que demanda tempo - que se faz no tempo, e só se sabe bom pela intuição, pela experiência, pelo ponto que sente, e só se sabe porque se sente. O tempo de fazer-se não é nunca o tempo do relógio.

Aquilo que se sente, que se saboreia, e aquilo que se sabe estão intrinsecamente conectados – e, inclusive, um depende do outro. Etimologicamente, a palavra saber vem do latim *sapere*, que significa “ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto; [ou figurativamente], ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber” (MACHADO, 1977, Saber).

A confecção do mingau demanda um saber intuitivo que está intrinsecamente ligado ao fogo. O calor que vai aos poucos modificando cada elemento ao mesmo tempo que os liga, transformando-os em uma outra coisa, una e completa em si mesma – não apenas a somatória de suas partes, mas algo além. O calor gerado pelo corpo em trabalho, amalgamando o que se sente em sentido e significado.

Por baixo disso que acolhe, amalgama, coabita, conecta, há isso: isso que pode

destruir. O fogo, essa necessidade, calor que é condição primeira da vida, e destruidor por excelência. Há esta violência intrínseca ao processo de criação e ao processo de pesquisa: decidir-se, mover-se, indignar-se e tomar posição, escolher, ignorar. Saber qual a medida do fogo para não queimar, para não destruir, tem a ver com intuição, com experiência e com risco; esses imensuráveis, isso que se sabe como um sabor.

Essa percepção é fundamental para compreendermos que a noção de cuidado e acolhimento, tão cara à Cia. Domínio Público, não é uma romantização, uma platitude sobre um estereótipo de “doçura e carinho”. Criar é duro e requer persistência e paciência. Compartilhar é difícil e também é necessário saber como chegar ao outro. Acolhemos inclusive isso, como *modus operandi*, o mingau como metáfora mas não como máscara. Alimentamos, degustamos e, em tempos tão sombrios, partilhamos como forma de permanecer no tecido da vida.

### Referências Bibliográficas

CAVRELL, Holly Elizabeth. D'AJELLO, Paula Telles. DE LACERDA, Maitê Neris, BIAZOTTO, Sara Mazon Toffoli. *Cia Domínio Público 20 anos*. Campinas: Unicamp, Debate Aberto de Grupo de Pesquisa. Coordenação: Holly Elizabeth Cavrell. III Seminário de Pesquisas do PPG Artes da Cena, Campinas, Unicamp, 2015.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1995.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

PAESE, Celma. *Cartografar e Acolher*. In. ROCHA, E., NORONHA, M. Mover, Acolher, Cativar. Porto Alegre, UFRGS, 2016.